



Editorial Dossiê “Manifesto das Águas” – Revista ClimaCom

Fernando Monteiro Camargo (Unicamp)

Suzana Maria Gico Lima Montenegro (UFPE)

Tiago Amaral Sales (UFU)

Lilian Maus (UFRGS)

Susana Oliveira Dias (Unicamp)

Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência. À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanha, nós-terra. Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice antropomórfica, e experimentar outras formas de existir

Ailton Krenak (2022, p. 13-14).

Ligações químicas entre dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio são parte das possibilidades de que existam vidas como conhecemos. Mas as águas não são apenas isso, e sim fluidos vitais compartilhados entre seres, coisas, gerações, existências, forças e mundos. Fluxos que percorrem diferentes territórios, agenciando linhas múltiplas, difusas, desenhando paisagens, alterando relevos, corroendo, dissolvendo, destruindo, recompondo. Líquidos em disputas geopolíticas, marcados por contaminações antrópicas e desastres ambientais.

Pensar com as águas pode acontecer de diferentes formas. Quem sabe, uma primeira pista seja escutá-las, senti-las, aprender com elas, quiçá devir com as águas. O pensador indígena Ailton Krenak (2022) nos convoca, na epígrafe que abre esta edição da Revista ClimaCom, a



escutar e conversar com as águas, reconhecendo-as como nossas companheiras. É graças a elas que também existimos. Quem sabe, possamos entender que é com elas – literalmente e visceralmente, em nossa composição carnal – que existimos.

Diferentes inspirações também podem povoar as nossas relações hídricas. Uma música que nos embala – e hidrata – é “Eu e Água”, composta por Caetano Veloso, eternizada na voz de sua irmã Maria Bethânia, a qual começa com os seguintes versos: “A água me contou muitos segredos... Guardou os meus segredos, refez os meus desenhos, trouxe e levou meus medos”... Essa água nos ensina, nos mostra caminho, nos acolhe. A água é mãe, como tão bem nos ensinam as cosmovisões de matrizes africanas ao pensarem com as Yabás, divindades ligadas às forças das águas, dos ventos, dos mares, das cachoeiras, dos pântanos. A água nutre, rejuvenesce, dá o elemento primordial para que possamos viver e crescer. Sem ela nada somos.

As águas foram e são fundamentais para a habitabilidade do planeta Terra, proporcionando as condições necessárias para a vida como a conhecemos. Quiçá, possamos pensar que este astro que chamamos de “Terra” possa ser pensado com “Planeta Água”, parafraseando a canção “Terra, planeta água” de Guilherme Arantes, a qual deve ter participado da infância e juventude de tantos e tantas, fazendo parte de aulas de ciências e biologia na medida em que nos permite aprender com este elemento, com seus movimentos, com a sua potência. Pensar em nossos territórios – geográficos, políticos, científicos, educativos, artísticos, psicossociais, subjetivos – é reconhecer a agência hídrica.

As águas alimentam, protegem e curam vidas humanas, não-humanas e mais-que-humanas em diversas naturezas-culturas (Haraway, 2023). Entretanto, a importância delas é frequentemente esquecida em nossa era marcada por catástrofes decorrentes de uma desconexão severa com a Terra e seus “recursos hídricos”. Ailton Krenak (2022, p. 13) nos lembra que: “[...] sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios”. Os desafios contemporâneos relacionados aos usos e cuidados das águas, assim como a previsão e controle de eventos extremos de precipitação que



resultam em enchentes, inundações e secas, são algumas das grandes preocupações para a gestão da água. Existem, entretanto, práticas e lugares que cultivam relações com os corpos d'água de forma não antropocêntrica e não utilitarista, enfrentando sistemas de exploração através de rituais e práticas de respeito.

Experimentar modos de relação no diálogo com as águas colabora para pensarmos de maneira efetivamente diferente e propor, em conjunto, formas de viver em um mundo danificado (Tsing, 2019). Este Dossiê propõe um diálogo profundo e multifacetado com as águas, seus companheiros e suas diversas grafias – rios, lagos, correntes, fluxos, fluidos, transbordamentos, desbordamentos, infiltrações, corpos, práticas, materiais e perspectivas.

Algumas perguntas nos inquietaram quando decidimos manifestar coletivamente com as águas: como os mundos podem ser criados e alterados nos e com os diferentes corpos d'água? O que podemos aprender com os rios, lagoas, bacias hidrográficas, nuvens e mares? De que maneiras podemos com eles devir, entrar em ressonância, em velocidades, sermos afetados? Entendemos que é no fluxo do movimento e da instabilidade dos transbordamentos que vemos como as águas participam da composição de um mundo a partir dos encontros entre outros mundos molhados, encharcados, inundados, transbordados.

Este dossiê nasce da escuta das águas e do desejo de viver, sentir e pensar com elas. Em meio a um tempo marcado por rupturas ecológicas e políticas, por secas e inundações, o Dossiê “Manifesto das Águas” propõe um mergulho em experiências, práticas e pensamentos que tratam as águas não como recursos, mas como entidades vivas, relacionais e plurais. Partimos do pressuposto de que é preciso reaprender a escutar os corpos d'água e, com eles, refazer laços, mundos e afetos. Literalmente, mergulhar neles, viver com eles, sentir como também fazemos parte, como nos fazemos ao neles imergir.

Reunimos aqui artigos, ensaios, entrevistas, reportagens, obras artísticas, exposições... Eis uma heterogeneidade de vozes, perspectivas e linguagens que, por diferentes caminhos, compõem um chamado sensível à convivência com as águas. Os materiais refletem modos



de vida entrelaçados com rios, mangues, lagos, marés, bicas, chuvas e fluxos subterrâneos. Também ressoam saberes que brotam de lugares em risco, de desastres ambientais, de convivências atritosas, de disputas, de emaranhados tão complexos os quais, como nos ensina Donna Haraway (2023), nos resta ficar com o problema dessa convivência multiespécie em suas confusas dinâmicas. São práticas que emergem de territórios ameaçados, de espiritualidades ancestrais, de olhares íntimos e sensíveis, de criações artísticas e de pesquisas comprometidas com outras formas de conhecer e cuidar. Participam deste volume artistas, documentaristas, historiadores, geógrafos, antropólogas, arquitetos urbanistas, ecólogos, biólogos, cientistas sociais e naturais, comunicadores e educadores, compondo um mosaico inter e transdisciplinar de modos de cultivar relações com as águas em diferentes perspectivas.

Ao invés de tratar as águas como objeto de análise, este dossiê experimenta estar, devir e criar com elas. Atravessamos paisagens afetadas por crimes ambientais, acompanhamos festas, rituais e romarias, escutamos mitos indígenas e cantos de devoção, observamos o movimento dos mariscos, o cotidiano dos manguezais, as cartografias desenhadas pelas chuvas. A cada contribuição, traçamos rotas de fuga ao utilitarismo e ao extrativismo, compondo formas de resistência e regeneração que se desenham junto à poéticas fluviais, fabulações urbanas e epistemologias insurgentes.

Entre pesquisas etnográficas, ensaios experimentais, narrativas poéticas, cartografias sensíveis, imagens e reflexões conceituais, este dossiê é um convite a pensar com as águas em suas presenças e ausências, abundâncias e escassezes, ruídos e silêncios. É também um gesto coletivo de escrita em aliança com a vida, que reconhece nos fluxos hídricos uma possibilidade de refazer mundos feridos, de transbordar fronteiras e de compor outras alianças: com os rios, os mangues, as comunidades, os sonhos.

O Manifesto das Águas não se encerra nestas páginas. Ele continua nas vozes que se levantam por rios livres, nas pedagogias que escorrem pelas margens, nos saberes que se acumulam como correnteza. Que esta coletânea inspire outras marés, encontros e



insurgências. Que ela nos encharque, hidrate e inunde em afetos alegres. Que possamos continuar a sonhar e a viver com as águas.

Bibliografia

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthluceno**. São Paulo: n-1 edições. 2023.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

FICHA TÉCNICA

Editores | Fernando Monteiro Camargo (Unicamp), Suzana Maria Gico Lima Montenegro (UFPE), Tiago Amaral Sales (UFU), Lilian Maus (UFRGS) e Susana Oliveira Dias (Unicamp)

Editoração | Susana Oliveira Dias, Larissa Bellini, Natan Rafael Neves da Silva e Leo R. Arantes Lazzerini

Capa | Grande | Natalia König

Capa | Pequenas | Beá Meira, Maíra Vaz Valente e Bruno Makia

Pareceristas | Aina Guimarães Azevedo; Alcidéia Margareth Rocha Trancoso; Alessandra Ribeiro Martins; Alexandre Barbosa Pereira; Alexandre José Amaro e Castro; Aline Castilho Crespe; Amom Chrystian de Oliveira Teixeira; Ana Beatriz Vianna Mendes; Ana Carolina Albuquerque de Moraes; Ana Godoy; Ana Maria Preve; Ana Paula Valle Pereira; Andréa Barbosa Osório Sarandy; Andrea Barbosa; Andrea Desiderio; Angeline Martini; Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho; Arthur Simões Caetano Cabral; Breno Filo C. de S. Garcia; Camila Schenkel; Carolina Barroncas Oliveira; Carolina Noury; Cássia de Castro Martins Ferreira; Clarissa Reche; Cláudia Mariza Mattos Brandão; Claudio de Melo Filho; Cristhyan Kaline Soares Mineiro; Daniela Pinheiro Machado Kern; Edélti Albertoni; Edimilson Rodrigues de Souza; Eduardo Pellejero; Eliana S. J. Creado; Fábio Augusto Rodrigues e Silva; Fernando



Antonio Oliveira Mello; Flavio Braune Wiik; Flávio Leonel Abreu da Silveira; Franciele Garlet; Franklin Kaic Dutra-Pereira; Gabriel Cid de Garcia; Gabriel T Ramos; Gabriela Kremer Motta; Giane de Campos Grigoletti; Helio Hirao; Henrique Silva; Igor Luiz Rodrigues da Silva; Indira Nahomi Viana Caballero; Ivone Gebara; Jean Segata; Jorge Marçal; Juliette Woitchik; Laila Renardini Padovan; Laís de Paula Pereira; Lisa Blackmore; Luana Adriano Araújo; Lucas Coelho Pereira; Lucinea dos Santos Ferreira; Luiz Ernesto Guimarães; Luiza Dantas Benttenmüller Amorim; Maíra Cavalcanti Vale; Marcela Paschoal Perpétuo; Marcelo Lotufo; Marcos Allan da Silva Linhares; Marcos Branda Lacerda; Marcus Pereira Novaes; Maria Carolina Alves; Mariane Schmidt da Silva; Marília Mello Pisani; Marina Polidoro; Marina Satika Suzuki; Marina Sirito de Vives Carneiro; Mário Furtado Fontanive; Michel Justamand; Mônica Oliveira Costa; Orlando Coelho Barbosa; Paola Fabres; Patrícia dos Santos Pinheiro; Rafael Noletto; Raquel Fabiane Mafra Orsi; Reinaldo L. Bozelli; Renato Salgado de Melo Oliveira; Renzo Romano Taddei; Rita Paradedda Muhle; Roberto Lima; Rodrigo Gonçalves dos Santos; Tamiris Vaz; Vitor Chiodi; Vladimir Bartalini e Wenceslao Machado de Oliveira Júnior.

Grupos de pesquisa | multiTÃO - prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq/Unicamp); habitar - grupo de estudos e pesquisas em ciências, educação e vida (CNPq/UFU); O mundo no país das paisagens: culturas, desigualdades e naturezas no contemporâneo (CNPq/UFRGS); Grupo de Recursos Hídricos (CNPq/ UFPE).

Redes de Pesquisa | Rede Latino-americana de Divulgação Científica e Mudanças Climáticas

Instituições | Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp); Universidade Federal de Uberlândia (UFU); Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Projetos | Projeto de pesquisa “UC 01 - Comunicação, arte e cultura” do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia - Observatório Nacional de Segurança Hídrica e Gestão Adaptativa - INCT-ONSEAdapta (CHAMADA MCTI/CNPq/Capes/FAPs nº 58/2022 - Processo: 406919/2022-4); Projeto Paisagem Cultural: entre inovação e preservação (UFRGS)



Pós-graduação | Programa de Pós-Graduação em Divulgação Científica e Cultural do Labjor-IEL-Unicamp; Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (PPGPEDU/UFU); Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAV-IA/UFRGS); Programa de Pós- Graduação em Engenharia Civil (UFPE), PROFÁGUA (Mestrado Profissional em Rede Nacional em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos).